

Primeiro caso de reinfecção do país é confirmado

Especialistas esclarecem dúvidas sobre a segunda infecção e expectativas pós-vacinação

O primeiro caso oficial de reinfecção pela covid-19 no mundo aconteceu em Hong Kong e foi publicado em revista científica ainda no final de agosto deste ano. Somente ontem, porém, o Ministério da Saúde confirmou a primeira vez em que isso aconteceu oficialmente no Brasil. A demora tem algumas razões, como a dificuldade de acompanhamento constante de pacientes já infectados e os complexos procedimentos necessários para se ter certeza de que se trata de uma segunda infecção. Para ajudar a clarear as dúvidas, **O DIA** conversou com especialistas das áreas de pesquisa e medicina.

Uma profissional de saúde de 37 anos, moradora de Natal (RN), que havia se infectado em junho, voltou a contrair a doença e manifestar sintomas em outubro. Após estudos genéticos nas amostras coletadas da paciente, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) identificou duas linhagens distintas do vírus SARS-CoV2, que

provoca a covid-19. Com isso, a reinfecção foi oficialmente confirmada.

O Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) atua como Centro de Referência Nacional em vírus respiratórios junto ao Ministério da Saúde e como referência para a Organização Mundial da Saúde (OMS) em covid-19 nas Américas. A chefe deste centro, a pesquisadora e virologista Marilda Siqueira, reitera a complexidade de se confirmar uma reinfecção.

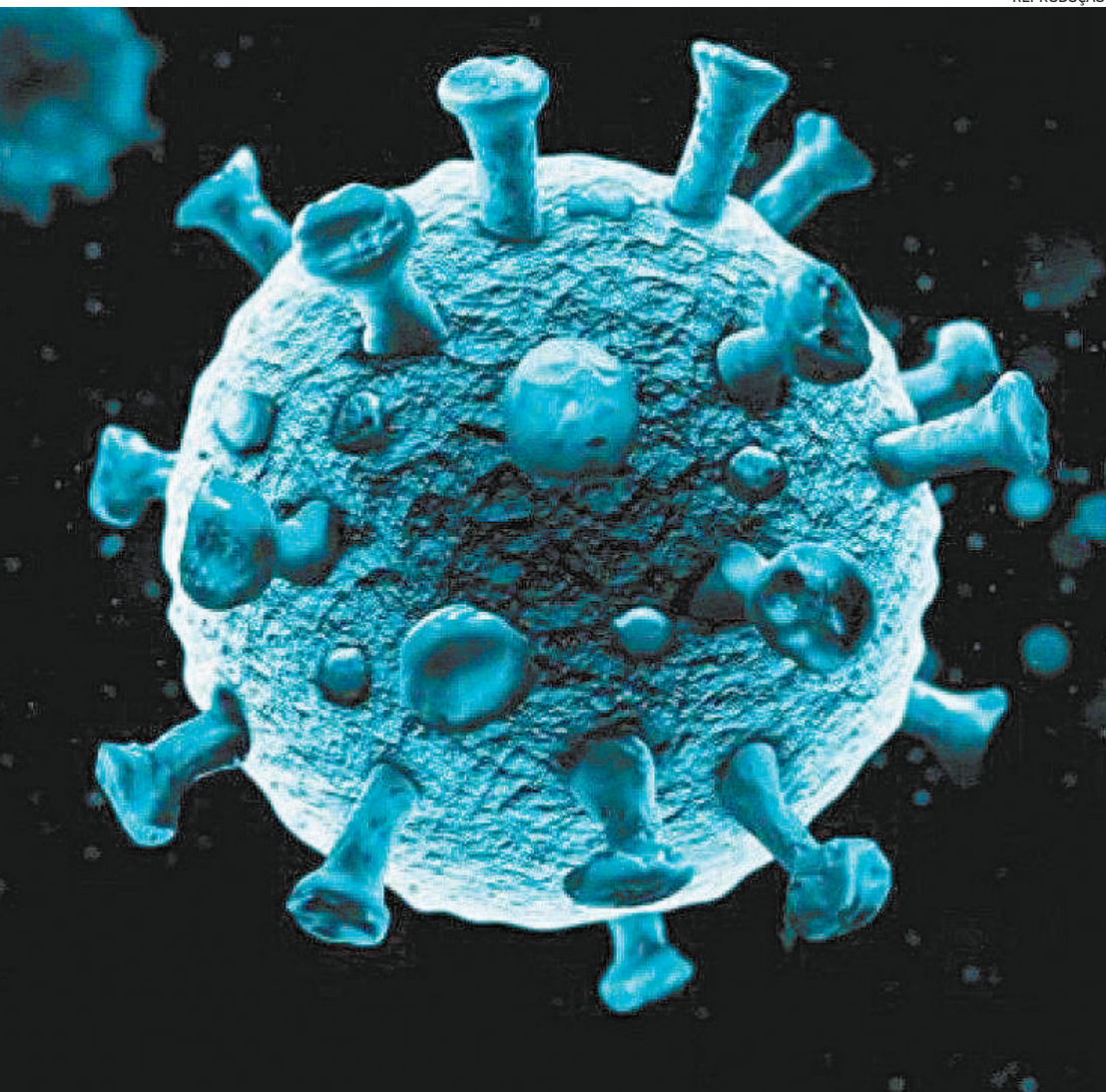
Profissional de saúde, moradora de Natal, foi infectada em junho e voltou a contrair a doença

De acordo com ela, é necessário seguir os protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde. Para ser considerado suspeito de reinfecção, o indivíduo deve ter dois resul-

tados positivos por meio da técnica de RT-PCR em tempo real para o vírus SARS-CoV-2 (aquela em que é coletada amostra do nariz com uma espécie de cotonete). Os dois episódios de infecção respiratória devem ter, ainda, intervalo igual ou superior a 90 dias, independentemente da condição clínica observada.

“Após isso, a amostra precisa ser encaminhada para o nosso Laboratório, na Fiocruz, no Rio de Janeiro, para confirmação do caso. Aqui, o material foi novamente processado para identificação do novo coronavírus por meio da técnica de RT-PCR em tempo real e de positividade pelo teste de antígeno, capaz de detectar uma proteína específica do vírus. As análises foram positivas para o SARS-CoV-2. Em seguida, as amostras foram submetidas à técnica de sequenciamento genético”, explicou Siqueira, citando o procedimento realizado no primeiro caso comprovado no Brasil.

Reportagem do estagiário **Lucas Mathias**, sob supervisão de **Gustavo Ribeiro**



Para confirmação de reinfecção pela covid-19 é necessário seguir protocolos do Ministério da Saúde

SUSPEITO

Secretaria Municipal de Saúde investiga um caso

■ A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro ressaltava que segue todos os protocolos do Ministério da Saúde. No momento, um caso suspeito de reinfecção está sendo investigado pelo órgão. Caso seja pertinente, será analisado por laboratório de referência. Já a Secretaria de Estado de Saúde (SES) informou que não há nenhum caso confirmado.

O Dr. Antonino Eduardo, gerente médico do Hospital Badim, acrescenta outra questão

importante nessa comprovação: “Poucos pacientes conseguem ser acompanhados o suficiente para que sejam elegíveis à detecção de uma nova infecção por um vírus diferente do primeiro. Outro motivo é que a reinfecção ou segunda infecção parece ser incomum”, diz.

Eduardo ressaltava que os estudos ainda estão em andamento. Quando concluídos, responderão com maior precisão sobre o tempo que o paciente ficará imune após uma infecção. E alerta: “Mesmo as pessoas que já tiveram a doença

devem continuar praticando as medidas de prevenção”.

Mas e com o início da vacinação, o problema estará resolvido? A resposta ainda é incerta. Para a virologista Marilda Siqueira, a perspectiva é positiva: “Acreditamos que as vacinas em desenvolvimento serão eficazes contra as diferentes linhagens do novo coronavírus circulantes. No entanto, novos dados e estudos são necessários para responder essa questão com mais precisão”, afirma.

Festas de fim de ano devem aumentar casos de covid

Estudo da Fiocruz aponta que aumento da circulação de pessoas neste período e nas férias pode acelerar a disseminação do vírus

Estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) aponta que o aumento do número de casos e interações por covid-19 em vários estados que vem sendo registrado desde o início de novembro está encontrando um sistema de saúde menos preparado para atender à demanda por leitos de enfermarias e unidades de terapia intensiva (UTIs), não só nas regiões metropolitanas, mas principalmente nas cidades menores do interior.

Os pesquisadores da Fiocruz alertam que a possibilidade de colapso do atendimento aos novos casos é real e poderá acontecer nas próximas semanas, agravada pela chegada das festas de fim de ano e das férias. “A circulação

das pessoas no período de festas de fim de ano e férias deve acelerar a disseminação do vírus, que já circula com bastante velocidade e volta a ocupar os leitos hospitalares. A movimentação das pessoas tende a aumentar a necessidade de atendimento por outros agravos de saúde como os acidentes de trânsito, por exemplo”, diz a instituição.

A nota técnica O fim do ciclo de interiorização, a sincronização da epidemia e as dificuldades de atendimento nos hospitais, desenvolvida pela equipe de pesquisa do Monitora Covid-19, destaca que no fim do ano a maior movimentação de pessoas “sem cuidados devidamente adequados e sem manuten-



Número de casos da doença deve aumentar com festas de fim de ano

ção do isolamento social”, agravará um quadro composto por “desmobilização de leitos extras dos hospitais de campanha; a ocupação de leitos por outros problemas de saúde que ficaram repressados durante o avanço da epidemia de covid-19; a maior circulação de pessoas; as dificuldades de identificação de casos e seus contatos devido à baixa testagem; e o relaxamento dos cuidados de distanciamento social, uso de máscaras e higiene”.

De acordo com o epidemiologista do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz) e um dos autores do estudo, Diego Xavier, no início da epidemia no

Brasil, houve uma demanda grande nas regiões metropolitanas, e só depois veio a interiorização da doença, num momento em que a incidência da covid-19 já apresentava sinais de estabilidade nas cidades maiores.

“Agora, a covid-19 está fortemente presente tanto nas regiões metropolitanas quanto nas cidades do interior. E a epidemia está sincronizada, não começa mais nas metrópoles para depois ir para o interior. Um novo aumento dos casos pressionará a capacidade de atendimento à saúde das regiões metropolitanas, reduzindo também seus recursos para atender a pacientes vindos do interior”, disse o pesquisador.

Instituto Butantan inicia a produção da CoronaVac

Segundo o governador de São Paulo, João Doria, o instituto vai funcionar 24h por dia e contratou 120 técnicos para auxiliar na produção

O governador João Doria (PSDB/SP) anunciou ontem o início da produção nacional da vacina CoronaVac, desenvolvida em parceria entre o Instituto Butantan e a farmacêutica chinesa Sinovac. “É um momento histórico”, afirmou. De acordo com ele, o instituto começou a produzir o imunizante na noite desta quarta-feira e contratou 120 técnicos para auxiliar na produção da vacina, que será feita “24 horas por dia e 7 dias por semana”, aumentando sua capacidade de produção para 1,5 milhão de doses por dia.

Doria também informou que os Executivos de 12 Esta-

dos, entre eles São Paulo, e de 912 municípios já formalizaram seu interesse em adquirir doses da vacina.

“Por que iniciar a vacinação em março, como foi anunciado pelo Ministério da Saúde, se podemos iniciar em janeiro, de forma segura e eficiente?”, questionou o governador paulista, fazendo referência ao calendário de imunização apresentado pelo Ministério da Saúde na semana anterior.

Na segunda-feira, ele já havia afirmado que o estado pretendia começar o plano de imunização em 25 de janeiro. Horas após o anúncio de Doria na última segunda,



Capacidade de produção é de 1,5 milhão de doses da vacina por dia

a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) afirmou, em nota, que só libera o uso da vacina após a análise de documentos, como os de dados de “fase 3” da pesquisa. “Nenhuma das quatro vacinas em desenvolvimento no Brasil apresentou protocolo de registro. Portanto nenhuma das quatro tem aval para uso amplo neste momento”, disse o presidente Antônio Barra Torres, em entrevista à rádio Jovem Pan.

Após passar pela Anvisa, a vacina ainda precisa receber um preço, o que é definido pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos

(CMED). A análise desse órgão leva até 90 dias, em casos normais, mas a expectativa é de encurtar a análise para as vacinas contra a covid-19.

Na terça-feira, João Doria e o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, se desentenderam durante uma reunião, após o governador cobrar uma posição da pasta em relação à compra da Coronavac. Em paralelo, especialistas afirmam que é possível distribuir a vacina, desde que ela seja aprovada por pelo menos uma de quatro agências reguladoras internacionais, graças a uma lei federal aprovada no início da pandemia.